



OCUPAÇÃO, POVOAMENTO E FAMÍLIAS PIONEIRAS NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO-MG.

Lívia Rodrigues Canabrava, Jôse Augusta Barbosa dos Santos

Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar o contexto político-econômico que proporcionou a ocupação e povoamento do sertão do São Francisco e a formação de redes de potentados locais, que exerciam o controle social na região, ou seja, buscou-se recuperar a diversidade de agentes históricos na ocupação das diferentes regiões do vale do São Francisco, atentando também para a fundação das primeiras vilas e povoados e ascensão política e econômica das famílias pioneiras, principalmente a família Cardoso, que fundou comunidades como as de Morrinhos, Amparo e São Romão, além de outras menores nas barrancas do rio São Francisco, como Porto de Salgados, hoje cidade de Januária. Partindo da noção de que a riqueza das respectivas famílias foi ampliada com os lucros provenientes da criação de gado e do comércio com a região mineradora, discutimos também as origens dessa mesma riqueza.

Essas famílias pioneiras implantaram currais, arrendaram parte das terras, e as vilas tornaram-se pequenos centros de produção agrícola e das atividades artesanais ligadas, sobretudo, à produção de artefatos de couro e de algodão, as eram fazendas cercadas por povoações dependentes dos proprietários. O sertão do São Francisco teve sua ocupação levada a efeito por grandes “potentados”, que com a garantia de certa liberdade política, formaram seus domínios e estabeleceram suas relações de poder com base no mando e no parentesco. Sobretudo na primeira metade do século XVIII a região apresentava um desenvolvimento econômico singular, havia grande fluxo de mercadorias através do rio São Francisco para o abastecimento das minas, e os fazendeiros da região obtinham grandes lucros com a intermediação comercial e com o contrabando. Assim, o sertão “tornou-se um dos principais fornecedores de boiadas e de gêneros alimentícios, para as minas, destacando-se a farinha de mandioca, a rapadura, a cachaça e o peixe” [1], por essa região passava comboios de escravos que eram vendidos nas minas e produtos importados provenientes do porto de Salvador.

Material e métodos

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, se configura de cunho histórico, tendo como referência a história social. Para a realização desse trabalho foram utilizadas referências bibliográficas que abarcam o tema, além da análise teórica sobre o assunto. A articulação entre empiria e teoria aponta a metodologia como dialógica e analítica.

Resultados e Discussão

Vários fatores determinaram a dispersão do povoamento no Brasil colonial, Segundo Caio Prado Junior [2], o primeiro foi a extensão da costa que coube a Portugal na partilha de Tordesilhas, que obrigou uma ocupação e defesa eficiente do território, a divisão do território em capitanias, que apesar do fracasso permitiu garantir à Coroa portuguesa a posse efetiva do longo litoral. Quanto à expansão para o interior, dois fatores foram essenciais o bandeirantismo predador de índios e prospectador de metais e pedras preciosas, que abriu caminho, explorando a terra e repelindo a colonização espanhola concorrente e posteriormente a exploração das minas, descobertas nos últimos anos do séc. XVIII, e que fixou núcleos estáveis e definitivos no continente. Outro fator no sertão do Nordeste é a criação de gado que avançou para os sertões que começaram a ser ocupado. Outro aspecto importante ocupação do sertão foi a expansão da economia açucareira, pois a pecuária que era uma atividade desenvolvida contínua ao litoral servindo de abastecimento para a zona açucareira, começa a ser deslocada para o interior da colônia, concentrando-se principalmente no sertão nordestino e no sul do país, ocorrendo então a separação de duas economias: a açucareira e a criatória. Com a rápida expansão da produção de açúcar, que ocorre até a metade do século XVII, temos como contrapartida a grande penetração para o sertão. Na perspectiva de Celso Furtado, “Ao expandir-se a economia açucareira, a necessidade de animais de tiro tendeu a crescer mais que proporcionalmente, pois a devastação das florestas litorâneas obrigava a buscar a lenha a distâncias cada vez maiores. Por outro lado, logo se evidenciou a impraticabilidade de criar o gado (...) dentro das próprias unidades produtoras de açúcar” [3].



A ocupação do sertão são franciscano está intimamente ligada ao desenvolvimento da pecuária que se interiorizou pelas margens do rio São Francisco, mas um importante fato a ser destacado nos primórdios da ocupação são as entradas para o sertão protagonizadas por bandeirantes paulistas e baianos que em meados dos séculos XVI e XVII tornaram-se a força propulsora no desbravamento do sertão. Promovidas pela administração portuguesa ou fruto da iniciativa de seus organizadores, essas expedições cobriram extensas áreas, algumas chegando a penetrar no atual território de Minas Gerais. Em muitos casos, algumas pedras de pequeno valor e indígenas capturados foram às recompensas desses empreendimentos, que não obtiveram sucesso na descoberta das minas, mas marcaram os rumos da penetração para o interior do Brasil. As bandeiras tinham como finalidade aumentar o domínio português na América, tornando-se intensas durante a segunda metade do Século XVIII. A Bandeira mais famosa do século XVII foi a de Fernão Dias Paes Leme. Com a atuação dos bandeirantes estabeleceram pequenos povoados nos locais por onde passavam, desenvolvendo nessas regiões a agricultura de subsistência, ocupando, dessa forma, territórios dominados por populações indígenas. A região do médio São Francisco, segundo Antônio Pereira “desde a época da descoberta de Espinosa em 1554, conforme narra à carta do Padre Navarro, estava povoada por várias tribos sendo citados os Tapuias, na margem direita” [4]. Essas populações indígenas aos poucos foram sendo dominadas ou dizimadas à medida que se instalaram os arraiais e povoados na região. “No século XVII os dois eixos de penetração no território mineiro correspondiam, portanto, a duas formas de contato com o mundo indígena, que oscilavam entre a escravização e o extermínio” [5].

A pecuária concentrou-se no nordeste, mas também havia criações em São Vicente e no Rio de Janeiro. Como já foi dito, as fazendas ocuparam rapidamente o interior, em contraste com a região litorânea que se ocupou das atividades agrícolas. Nesse período a jurisdição geográfica da região era dividida entre Bahia e Pernambuco. A margem direita do rio São Francisco era baiana e a margem esquerda pernambucana. Ainda no que se refere ao povoamento da região, Mata Machado [1], confere importância das sesmarias concedidas às famílias de Garcia de Ávila (conhecida como Casa da Torre) e de Antônio Guedes de Brito (conhecida como Casa da Ponte), localizadas, respectivamente, nas margens esquerda e direita do rio São Francisco. Entre os paulistas que participaram da ocupação do sertão sãofranciscano destacaram-se Matias Cardoso de Almeida, que se instalou para o Sul, fundando o primeiro arraial da região: Morrinhos do Rio Doce, atual cidade de Matias Cardoso. Nesse contexto vai se firmando os povoados da região sobre a influência da família Cardoso. Em meio a esses arraiais temos “o povoado de Pedras de Baixo, também ribeirinho, hoje Maria da Cruz” [6].

Com a descoberta do ouro em Minas, no século XVIII o rio São Francisco torna-se rota natural da época, como nos mostra João Antonil de Paula, “ao norte, as minas incentivaram a expansão da pecuária, do sal e do couro, do tabaco e da aguardente, fizeram do São Francisco o caminho natural” [7]. As atividades econômicas ligadas à criação de gado será a principal responsável pela formação de uma elite agrária que exercera um forte controle social sobre a região. Neste período os arraiais fundados no sertão eram de duas categorias, os formados por bandeiras de domínio régio, governados por funcionários, e os de domínio particular, quando criados por sertanistas, à custa do mesmo, para facilitar o seu domínio na região; no sertão Sãofranciscano destacar-se-á o segundo tipo de arraial. A família Cardoso exercia o domínio da maior parte do médio São Francisco incluindo Formigas (Montes Claros). Morrinhos era a sede principal, onde viveu Januário Cardoso Mata Machado [1] afirma que nesse período os povoados ou localidades mais importantes eram aqueles que procediam à distribuição do sal, tais como Matias Cardoso, São Romão e Guaicuí, bem como aqueles distribuidores de produtos agropecuários como, por exemplo, Pedras de Maria da Cruz e Januária. Assim “seria um engano supor que o distrito do couro fosse inferior ao do ouro tal a sua riqueza” [8].

Considerações finais

Diante do que foi abordado é importante expor que os caminhos abertos pela pecuária e por apesadores de índios, mineradores, comerciantes e missionários estendem o território brasileiro para muito além do estipulado no Tratado de Tordesilhas. As bandeiras de apresamento permitiram a sobrevivência dos paulistas, forneceram escravos para a região açucareira, percorreram o interior alargando o território sob o domínio português e detiveram a expansão espanhola representada pelos jesuítas. Como bem coloca Caio Prado Junior Não é com justiça que se relega nossa história para um plano secundário. Certo que não ostenta o lustre dos feitos políticos, nem aparece na primeira ordem dos acontecimentos do país. Recalcada para o íntimo dos sertões, escondem-na à vista, intensa vida do litoral, os engenhos, os canaviais, as outras grandes lavouras. E não tem os grandes atrativos naturais do ouro e dos diamantes. Entretanto, bastaria a pecuária o que realizou na conquista de território para o Brasil a fim de coloca-lá entre os mais importantes capítulos da nossa história.



FEPEG | FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



AFORO



Referências

- [1] MATA- MACHADO, Bernardo. **História do sertão noroeste de Minas Gerais 1690- 1930**. Belo Horizonte: Imprensa oficial, p. 37, 1991.
- [2] PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- [3] FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- [4] PEREIRA, Antônio Emílio: **Memorial Januária: Terras, Rios e Gente**. Belo Horizonte: MAZZA Edições, p. 84, 2004.
- [5] VENANCIO, Renato Pinto. *Antes de Minas: Fronteiras Coloniais e Populações Indígenas in: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, p.98, 2007.
- [6] BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da história**. Belo Horizonte: LEMI, p. 36, 1977.
- [7] ANTONIL, André João; **Cultura e opulência do Brasil**: Belo Horizonte: Itatiaia, p.284-285, 1982.
- [8] VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 44, 1974.